

Juliana Araújo Simões

A vivência da leitura em sala de aula



Gease

Juliana Araújo Simões

**A vivência da leitura
em sala de aula**

Gease ~ 2026

CONSELHO EDITORIAL

Patrício Borges Maracajá - UFCG
Tatiana Cristina Vasconcelos - UEPB
Ennio Artur Aires Porto Ferreira - UNIFIP
Aline Carla de Medeiros - UFCG
José Ozildo dos Santos - UFCG
Aline Carla de Medeiros - UFCG
José Givaldo de Sousa - UNIP/UNIFIP
Danielly Carneiro de Azevedo - UFCG
Fernando Kidelmar Dantas de Oliveira - UFCG
Jakson Luís Galdino Dourado - UNI FIP
Aleksandra Vieira de Lacerda - UFCG
Silvia Regina Gobbo Rodrigues - UnB
Juliana Roriz Aarestrup - IFMT
Marisa Artmann - IFMT
Ênnyo José Barros de Araújo - FRCG
Samara Campos de Assis - UNIFIP
Rosângela Vieira Freire - IFCE
Eriana Serpa Barreto - UFMT

FICHA CATALOGRÁFICA

S237

Simões, Juliana Araújo. **A vivência da leitura em sala de aula.**
Campina Grande-PB: GEASE, 2026.

52 p.

Livro digital

ISBN 978-65-01-90095-7

1. Sala de aula. 2. Leitura. 3. Processo de aquisição e aprendizado. I.
Título. II. Autora.

CDD 372.4

A vivência da leitura em sala de aula

O processo de leitura possibilita essa
operação maravilhosa que é o encontro do que
está dentro do livro com o que está guardado na
nossa cabeça.

Ruth Rocha

Sumário

Apresentação.....	11
A relevância dos níveis de leitura: mecanismos de compreensão.....	13
Leitura sensorial.....	17
Leitura emocional.....	19
Leitura racional.....	21
A leitura no âmbito da escola: entre os desafios e as possibilidades.....	23
A literatura como incentivo para a leitura..	27
A leitura na sala de aula.....	43
Conclusão.....	47
Referências.....	49

Apresentação

Ler é muito importante para formação do estudante enquanto ser social, político, cultural e humano. Assim, desde pequena, a criança deve ter contato com diversos materiais de leitura e sentir o gosto por essa atividade. Quando a criança ainda é muito pequena cabe à família fornecer materiais e incentivar o hábito da leitura. Mais tarde, na escola, a criança amplia os horizontes do mundo da leitura de maneira direcionada para os estudos a partir das orientações do professor.

A discussão desse tema objetiva discutir a leitura vivenciada no cotidiano da sala de aula sob o olhar de alguns autores. É considerável o número de estudantes que gostam de ler em várias perspectivas, mas há um número maior daqueles que apresentam dificuldades na aquisição da leitura em sala de aula por vários fatores, quer sejam por conta de em casa não haver incentivos por parte dos pais, como também não existir acompanhamento acadêmico nas atividades da escola em casa, mas também metodologia do professor, entre outras questões.

Por isso o motivo da escolha da temática. Sendo assim questiona-se como se encontra a discussão teórica em torno da leitura em sala de aula. O embasamento metodológico deste estudo tem caráter bibliográfico, com natureza qualitativa. Os autores utilizados para esta discussão foram os seguintes,

Freire (2009), Martins (2007), Lajolo (1993), Pinheiro (2007), Antunes (2003) entre outros.

Portanto, considera-se que o papel do educador, no processo de desenvolvimento do gosto e necessidade de leitura dos estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, consiste em ser o agente mediador, estimulador e incentivador da prática de leitura dentro e fora da escola na formação leitora dos educandos.

Espera-se que este estudo contribua para os professores e estudantes no tocante a utilizar mecanismos de interesse pela leitura

A relevância dos níveis de leitura: mecanismos para a compreensão

O processo da leitura possui alguns níveis, uma vez que o mesmo está ligado á decodificação, interpretação e compreensão, assim como uma interação entre leitor e o que se lê, não se restringindo apenas a decodificação de signos, mas, um processo contínuo de aprendizagem que inicia nos primeiros anos de vida da criança.

Em alguns casos, ler é um meio para descoberta, um mundo novo. Porém, em outros casos, requer um trabalho processual, perseverante e desafiador. Para Freire (2002), é importante respeitar educandos e educadores, valorizando sua história e cultura, observando-os como seres que ensinam, aprendem e integram a sociedade. Para que exista uma leitura significativa é preciso que o leitor interaja com o texto.

Sabe-se que o gosto pela leitura, no tocante ao estudante precisa ser mobilizado, sensibilizado, cuidadosamente, com dinâmicas e estratégias adequadas, pois o interesse pela leitura decorre de vários fatores, como a faixa etária, tipos de leitura, ou seja, depende muito do leitor. É através da leitura que o estudante desenvolve o seu senso crítico, reflexivo, compreensivo e a competência escritor.

No que se refere ao âmbito escolar, com base na da autora desse estudo acredita-se que esteja precisando diversificar em algumas práticas pedagógicas as estratégias de leitura, porque em algumas vivências de sala de aula aplica-se apenas a leitura silenciosa, como uma prática rotineira do professor para o estudante. Assim sendo, ler vai muito, além disso, bem como de decodificar, pois a leitura é para analisar, interpretar, compreender e adquirir novos conhecimentos.

A prática da leitura interfere essencialmente no processo comunicativo de estudante e do professor. Se o professor é um leitor assíduo, competente e aplica a leitura em todas as perspectivas conceituais, como também trabalha os gêneros textuais adequados à modalidade de aprendizagem do estudante e sua faixa etária, assim como uma leitura de acordo com o contexto, terá um estudante, também competente e com isso o estudante desenvolve e aprimora sua visão de mundo, sua participação, bem como a interpretação e compreensão daquilo que se lê.

De acordo com Martins (2007, p. 17):

Quando começamos a organizar conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela; quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e tentar resolver os problemas que se nos apresentam – aí então estamos procedendo a leituras, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e tudo e qualquer coisa. Esse seria, digamos o lado otimista e prazeroso do aprendizado da leitura. Dá-nos a impressão de o mundo estará nosso alcance; não só podemos

A vivência da leitura em sala de aula

compreendê-lo, conviver com ele, mas até modificá-lo à medida que incorporamos experiências de leitura.

Assim, a leitura nos é apresentada desde o início da vida, porque é com o passar do tempo, que se vai ganhando mais entendimento sobre o ato da leitura, e que cada um não lê apenas livros, revistas ou jornais, lemos o que está diante dos nossos olhos, o que há de importante para o nosso conhecimento e aprendizagem.

A leitura deve constituir relação com a realidade do estudante. A compreensão da palavra escrita deve estar frente a frente com a leitura do mundo, nessa interligação entre alguns tipos de leituras, onde são compreendidas como uma forma de expressão a partir daí são construídas nova acepção. Nesse entendimento capturado, buscamos ampliar nas reflexões e discussões na sala de aula as compreensões sobre a atividade de leitura com os alunos, que pode nos influenciar no seu desempenho pedagógico das atividades em sala de aula.

Para um processo mais ágil é importante lembrar que ler ajuda na formação do indivíduo desde início de sua vida. Faz-se necessário, principalmente, na sala de aula, como a prática da leitura tem sido colocada para os alunos.

Além da sala de aula, não podemos esquecer de outro ambiente da escola que é de suma importância para um contato maior com textos: a biblioteca. É nela que o aluno pode encontrar diversos textos em numerosos livros. Não obrigatoriamente livros didáticos, mas livros que despertem a curiosidade de saber sobre determinada história, a exemplo de

livros de contos e poemas, e que eles sintam prazer no que estão lendo.

Pode-se contar com o apoio do professor para esse momento, pois é um direito do mesmo apresentar-lhe esse mundo mágico da leitura ao estudante. Não impondo o ato de ler como uma obrigação, mas uma oportunidade de ampliar os seus conhecimentos.

Considerando a leitura como uma interação entre o leitor e o texto, é necessário lembrar que isso é possível porque o estudante está compreendendo melhor o mundo ao qual ele ler e aquele que está convivendo.

Para que se conheça a amplitude da leitura, é importante que o estudante se permita aprofundar-se mais naquilo que se lê, do que está diante de seus olhos, ou seja saiba lê as entrelinhas. Pode-se dizer que lemos ao ver algo, quando sentimos alguma coisa, porque assim, nos permitimos a pensar o que estaríamos sentindo, e automaticamente, estaríamos fazendo uma leitura. Assim, nos faz refletir como estamos lendo e o que está sendo lido.

Martins (2007) afirma que há três níveis básicos de leitura, e que os mesmos são possíveis de serem vistos como “níveis” sensorial, emocional e racional. Para a autora, cada um está ligado aproximadamente com a finalidade daquilo que é lido.

Leitura sensorial

Uma leitura de sentidos é muito relevante para aprendizagem da criança, principalmente nos primeiros anos de vida. De certa forma, incita a gostar ou não daquilo que se é apresentado para ler.

Para Martins (2007, p. 40-41):

Essa leitura sensorial começa, pois, muito cedo e nos acompanha por toda a vida. Não importa se mais ou menos minuciosa e simultânea à leitura emocional e racional. Embora a aparente gratuidade de seu aspecto lúdico, o jogo com e das imagens e cores, dos materiais, dos sons, dos cheiros e dos gostos incita o prazer, a busca do que agrada e a descoberta e rejeição do desagradável aos sentidos. E através dessa leitura vamo-nos revelando também para nós mesmo.

Então, o que a leitura sensorial proporciona? Ela mostra que se utilizando da visão, tato, audição e olfato, podem ser mais propícios a ter prazer em ler. Isso acontece devido a sua forma lúdica, podendo trabalhar com materiais como jogos coloridos e imagens.

Nesse sentido, livros com imagens coloridas chamam à atenção para aqueles que estão descobrindo novos ares pela facilidade de decifrar aquilo que está vendo. Poder tocá-los

também é outra forma de conhecimento do novo. Assim como sons, que se torna mais fácil de ouvir o que está tocando.

Assim sendo, iniciando esse primeiro contato da criança com o lúdico, proporciona a ela o diferencial dos brinquedos de maneira mais atraente para ler, lembrando que, os brinquedos não podem ser descartados.

Assim, trazer para o mundo da criança aquilo que seja atrativo, como livros com imagens e sons, torna mais prazeroso em olhá-lo e a busca em ver aquele leque de páginas interessantes. Porque tendo a ilustração, é mais fácil com que a criança se interesse, do que sem ilustração.

Leitura emocional

Trata-se de uma leitura feita com sentimentos envolvidos, onde o indivíduo se envolve pelo sentimentalismo ao assistir uma cena romântica de um filme ou de uma telenovela, quando ouve músicas que tocam profundamente na alma.

Segundo Martins (2007, p. 51-52)

Na leitura emocional emerge a empatia, tendência de sentir o que se sentiria caso estivéssemos na situação e circunstâncias experimentadas por outro, isto é, na pele de outra pessoa, ou mesmo, de um animal, de um objeto, de uma personagem de ficção. Caracteriza-se, pois, um processo de participação afetiva numa realidade alheia, fora de nós. Implica necessariamente disponibilidade, ou seja, predisposição para aceitar o que vem do mundo exterior, mesmo se depois venhamos a rechaçá-lo.

É como se nós sentíssemos o que o outro sente, como, por exemplo, entrássemos em um mundo imaginário, poderíamos diante de a situação ficarmos felizes, ou ficarmos tristes com tal acontecimento fictício.

É importante saber que a criança adquire maior disponibilidade que a pessoa adulta, pois tudo é novo e

incógnito, tornando necessário ela conviver mais com esse mundo para descobrir.

Nesse caso, a leitura emocional não importa sabermos sobre a sua exterioridade, mas o que realmente devemos levar em consideração é o que esse tipo de texto ocasiona em nós.

Um exemplo é quando nos sensibilizamos com uma personagem em um filme de ficção, cuja seu papel, é sofrido, guerreiro e emocionante, gerando em nós uma certa identificação talvez com a forma que ele age, fala e o que faz.

Portanto, a leitura emocional ela é vista mais como uma superficialidade, não desmerecendo a sua forma de transmitir emoção, apenas que seu objetivo é deixar nos envolver sentimentalmente por aquilo que se lê.

Leitura racional

Esse nível de leitura trata mais de uma racionalidade ao ler um texto. Apesar de estabelecer uma ligação com os outros dois níveis de leitura, sensorial e emocional, quando os mesmos levam o indivíduo a interação, reflexa, e consequentemente a aprendizagem, o leitor não se deixa levar pelas emoções, procura mais entendê-lo e debater com ele.

Conforme Martins (2007, p. 65-66)

Importa, pois, na leitura racional, salientar seu caráter eminentemente reflexivo, dialético. Ao mesmo tempo que o leitor sai de si, em busca da realidade do texto lido, sua percepção implica uma volta à sua experiência pessoal e uma visão da própria história do texto, estabelecendo-se, então, um diálogo entre este e o leitor com o contexto no qual a leitura se realiza. Isso significa que o processo de leitura racional é permanentemente atualizado e referenciado.

Para uma leitura racional, é fundamental um contato maior do leitor com o texto escrito. Antunes (2003) afirma que “a leitura é parte da intervenção verbal escrita, enquanto implica a participação cooperativa do leitor na interpretação e na reconstrução do sentido e das intenções pretendidos pelo autor”, assim, evidencia-se uma interação entre eles.

Nesse caso, o leitor é letrado e se aprofunda mais no conteúdo do texto, tentando compreender o que se diz nele, de forma direta para analisar a linguagem e entender como se sucede o que está escrito ali.

A esse respeito, Martins (2007, p. 65) afirma:

Reforça-se, então, o que já foi dito: a construção da capacidade de produzir e compreender as mais diversas linguagens está diretamente ligada a condições propícias para ler, para dar sentido ou atribuir significado a expressões formais ou simbólicas, representacionais ou não, quer sejam configuradas pela palavra, quer pelo gesto, pelo som, pela imagem. E essa capacidade relaciona-se em princípio com a aptidão para ler a própria realidade individual e social.

Por fim, a leitura racional permite conhecer mais fundo o texto e suas particularidades, e o que menos se detém é na parte de senti-lo, pois o que interessa ao leitor é averiguar o conteúdo do texto.

A leitura no âmbito escolar: entre os desafios e as possibilidades

A escola tem um papel valioso na construção da identidade leitora do estudante como cidadão. É nela que se aprende os valores, não esquecendo que esses valores são apenas acrescidos, pois a família apresenta-os nos primeiros meses de vida, mas que, o ambiente escolar é o eixo que trabalha com uma maneira mais fundamentada nos principais teóricos. Para que assim, aquele aluno aprenda conviver com diversas pessoas em um mesmo local, respeitando o próximo e fazendo valer os direitos e deveres.

O desinteresse pela leitura por parte dos estudantes tem sido um dos maiores desafios, atualmente nas escolas. Ela está ligada de certa forma a escrita, e consequentemente, ao aprendizado. Sabe-se que, tem sido difícil encontrar caminhos para que o aluno se interesse pela leitura. Isso porque, a leitura é vista como “algo cansativo”, “chato” e “sem retorno”.

Mas o que de fato acontece? O próprio livro didático nos dá uma resposta, pois seus pequenos textos para leitura, não são tão atrativos para os alunos, devido a sua forma mecânica, ou seja, um texto e em seguida, uma breve interpretação sobre o referido, ou então, algo ligado a

gramática. Assim, entra ano e sai ano, e nada modifica nos livros didáticos, não há um texto que chame à atenção do aluno e ele sinta prazer em ler. Em relação a esse texto, pode-se afirmar que:

[...] A escola trata o texto como um produto acabado funcionando como um container, onde se “entra” para pegar coisas. Mas o texto não é um puro produto nem um simples artefato pronto; ele é um processo e pode ser visto como um evento comunicativo emergente. Assim, não sendo um puro produto acabado e objetivo nem um depósito de informações, mas um evento ou um ato enunciativo, o texto acha-se em permanente elaboração ao longo de sua história e das diversas recepções pelos diversos leitores (MARCUSCHI, 2008, p. 241-242).

Desse modo, observa-se que o texto deve ter um valor processual quando apresentado aos estudante em sala de aula, no sentido de mensagem veiculada do ponto de vista histórico, social e cultural, bem como esteja ligado ao contexto do conteúdo para determinada aula, e que, de uma maneira ou de outra, cause um impacto positivo na aprendizagem do estudante para que ele consiga compreender o real valor da leitura, assim como inferir o contexto apresentado.

Sabe-se que a leitura deve ser um hábito que tenha seu início nos primeiros anos de vida, que começa na escola, onde inicia-se uma base que vai formando pilares, até chegar na vida acadêmica, e isso torna algo indispensável para a formação de qualquer indivíduo.

A vivência da leitura em sala de aula

Todavia, é necessário atentar-se a forma como é conduzida a estimulação desse hábito, pois, quando leva-se um texto para a sala de aula, que não seja no livro didático para apenas uma mera interpretação textual por uns pontinhos, o professor tem que ser mais astuto e, mostrar a real intenção daquele texto na aula, que é o de instigar o aluno a leitura, e não ensinar a ler. De acordo com Brasil (1997, p.40) nos Parâmetros Curriculares Nacionais:

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modalizadoras. A leitura, por um lado, nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever. por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever. (PCN, 1997, p.40).

Para isso, o professor tem papel fundamental nessa formação, em que o alvo são os alunos na sala de aula, pois é através da leitura que poderá transformar o aluno mais crítico, com novas ideologias e que tenha convicção naquilo que proferir. Não esquecendo, que é primordial o gosto e o desejo pela leitura, sentir-se bem com o que está lendo. Com isso, é necessário que o aluno seja estimulado desde criança.

Segundo Alves (2000) “[...] de tudo o que as escolas podem fazer com as crianças e os jovens, não há nada de importância maior que o ensino do prazer da leitura”. Porque não basta alfabetizar o aluno presente na escola, é preciso que

o ato de ler seja prazeroso, algo que deixe-o com um contentamento ímpar. Pois, como afirma Brasil (1997, p. 41-42) nos PCNs:

Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. Principalmente quando os alunos não têm contato sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores, quando não participam de práticas onde ler é indispensável, a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leitura eficazes. Essa pode ser a única oportunidade de esses alunos interagirem significativamente com textos cuja finalidade não seja apenas a resolução de pequenos problemas do cotidiano. (PCNS, 1997, p. 41-42).

Em vista disso, é muito importante a contribuição da escola para o aluno, com materiais de leitura e o convívio com praticantes da leitura, para quê, incentive e mostre a real significação dos textos literários e não literários, abrangendo outras opções de leitura como a de: revistas, jornais, objetos, entre outros. Assim, trabalhando com uma diversidade de textos, e tornando a leitura aprazível. E isso, deve-se ser instigado sempre pela instituição de ensino, já que frequentemente estudantes são matriculados nas escolas, sem previsão de dia ou mês.

Mas, é importante dizer, a “leitura” do meu mundo, que me foi sempre fundamental, não fez de mim um

A vivência da leitura em sala de aula

menino antecipado... Fui alfabetizado no chão do quintal da minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz (FREIRE, 2009, p. 15)

Essa afirmação do autor reflete algo bastante pertinente, que para se aprender, não é necessário propriamente dito ir à escola para ser alfabetizado, o que importa é o *“querer”*, a *“vontade”* de aprender a ler, independente se seja na escola ou não. E que, o aluno leitor sinta prazer no que está lendo.

Sendo assim, no que se diz respeito a leitura, não se pode responsabilizar a escola exclusivamente com esse papel de despertar a vontade de ler, mas sim, sensibilizar diante de algo tão relevante para a vida do aluno, e mostrar que o mesmo deve buscar outras formas, lugares que o conduza a leitura. A exemplo da biblioteca da escola, que é bastante significativa para o ato de ler, onde pode-se encontrar uma diversidade de gêneros textuais, ou até mesmo, essa busca pode ser em casa, quando muitas vezes, o aluno consegue resgatar livros interessantes que estariam guardados em casa sem nenhuma utilidade, e que nesse momento oportuno, resgate-os para ler e adquirir conhecimentos proveitosos.

A literatura como incentivo para o interesse da leitura

É certo que, a literatura é admissível como um dos caminhos para a leitura em sala de aula. Ela deve ser colocada como um elemento prazeroso para a leitura. A literatura em si, traz à tona um papel muito importante no contexto escolar, pois desenvolve o senso crítico do aluno no sentido mais amplo para o conhecimento, e em suas relações de convivência no dia a dia.

Para confirmar essa afirmativa, podemos observar no pensamento de Paulino e Cosson (2009, p. 63) que:

[...] a leitura de obras literárias cumpre um papel importante no desenvolvimento do ser humano, quer no sentido estrito de favorecer o trato com a escrita, quer no mais amplo de educar os sentimentos e favorecer o entendimento das relações sociais [...].

A literatura se apresenta um leque de conhecimento e tem parte importante no processo de aprendizagem através da leitura. Sabe-se que, é preciso que a escola crie oportunidades para inserir obras literárias no contexto das aulas para que os alunos comecem a conhecer a diversidade da literatura.

Com isso, volta-se um olhar mais compromissado em desenvolver no aluno o gosto pela leitura. A princípio, pela

literária que é uma das primeiras leituras apresentadas aos alunos, desde seus primeiros anos na escola até os anos finais. É importante ressaltar que:

O texto literário é indispensável para o ensino/aprendizagem da leitura e, evidentemente, para a formação do gosto literário, direito de todo e qualquer cidadão e dever do ensino fundamental. Não se trata apenas de incluí-lo na programação cotidiana, mas de lhe dar o devido destaque cultural e pedagógico, seja na criteriosa seleção do que se oferece ao aluno, que não pode deixar de lado a história e a característica dos cânones, seja no tratamento didático dado ao estudo de texto (RANGEL, 2003, p. 138).

É relevante que se trabalhe estes textos literários para melhorar a aprendizagem, para que o aluno possa ir tomando conhecimento sobre importância que julga-se uma obra literária e a dimensão do seu valor. Além disso, ela representa um histórico cultural, onde cada autor apresenta suas características.

Como frisa Ítalo Calvino (2004, p. 10-11), “os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual”.

Por isto, as obras literárias clássicas são as que marcam com suas características e temas importantes que não importa o tempo, espaço ou idade. São textos agradáveis e fáceis de se apaixonar por pela, pela sua forma agradável

A vivência da leitura em sala de aula

quando se trata de uma história romântica que tenha sido correspondida, ou de uma lembrança familiar que retrate até o que aluno leitor esteja passando naquele momento.

Nesse sentido, salienta Machado (2002, p. 15) que “clássico não é livro antigo e fora de moda. É livro eterno que não sai de moda”.

Uma realidade das escolas é insistirem em indicar obras clássicas literárias adaptadas para os alunos como um meio mais fácil de atraí-los, sendo iniciantes. Porém, é interessante que seja apresentado aos alunos as obras originais, pois assim é possível conhecer a natureza daquela história.

Pôr à disposição dos alunos, agradáveis opções de livros literários, bem como, livros que possam apreciar o título, observar o conteúdo e que optem pelo que se interessou, sem que sejam coagidos. Isso é necessário para os primeiros contatos com o mundo da leitura.

Portanto, é imprescindível que a biblioteca da escola seja um dos principais atrativos para que instigue a leitura, que seja um lugar visto como um ambiente para momentos de viajar no mundo da leitura.

Assim, assegura Freire (2009, p. 22), que “a compreensão crítica da alfabetização, que envolve a compreensão igualmente crítica da leitura, demanda a compreensão crítica da biblioteca”.

Com isso, é fundamental que a escola disponha desse ambiente para que o aluno tenha um contato mais íntimo com a leitura, e assim, ele possa começar a ler e descobrir mundos diferentes proporcionados pelos livros literários.

Freire (2009 p. 47) revela ainda que:

Se é praticando que se aprende a nadar, se é praticando que se aprende a trabalhar, é praticando também que se aprende a ler e a escrever. Vamos praticar para entender e aprender para praticar melhor. Ou seja, para tornar-se bons leitores, é preciso que aluno desde cedo comece a ler e que isso venha a ser um hábito em sua vida. A escola é primordial para essa prática, é nela que o aluno em seus primeiros anos de vida, começa a ser alfabetizado, e então, inicia-se o processo da formação do leitor, onde ele vai adquirindo conhecimentos e aprendizado.

A princípio, a escola mostra a biblioteca como sendo o “cantinho da leitura”, sendo indispensável o contato do aluno com os livros de diversos gêneros, pois a criança tem que se sentir à vontade para escolher o livro que quiser. Uma vez que, a leitura não deve ser imposta, mas sim, ser colocada como um momento prazeroso e satisfatório.

Para o Ministério da Educação (BRASIL, 1997, p. 41) nos PCN:

A leitura na escola tem sido, fundamentalmente, um objeto de ensino. Para que possa constituir também objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder, do seu ponto de vista, a objetivos de realização imediata. Como se trata de uma prática social complexa, se a escola pretende converter a leitura em objeto de aprendizagem deve preservar sua natureza e sua complexidade, sem descaracterizá-la. Isso significa trabalhar com a diversidade de textos e de combinações entre eles.

A vivência da leitura em sala de aula

A contribuição que a escola tem na aprendizagem é muito importante para a vida do aluno. A leitura, por exemplo, reforça significativamente o objeto de ensino que é só um: o aprendizado. Isso reflete a relevância da escola que ela tem na vida de um aluno sendo capaz de formá-lo cidadão capaz de pensar amplamente. A escola também tem de rever a forma como está conduzindo esse momento, pois refletirá futuramente na vida deste aluno.

Ao abordar a leitura como sendo uma prática social, os Parâmetros Curriculares Nacionais estabelecem que:

A leitura, como prática social, é sempre um meio, nunca um fim. Ler é resposta a um objetivo, a uma necessidade pessoal. Fora da escola, não se lê só para aprender a ler, não se lê de uma única forma, não se decodifica palavra por palavra, não se responde a perguntas de verificação do entendimento preenchendo fichas exaustivas, não se faz desenho sobre o que mais gostou e raramente se lê em voz alta [...] (BRASIL, 1997, p. 43).

Compreende-se assim que a leitura dentro da escola tem o seu objetivo de estudo, que é o de aprender a ler através dela. E fora dela, é como se lê para um entendimento mais amplo, um conhecimento daquele determinado tema, não sendo algo que seja para estudo, mas para novos conhecimentos.

De certa forma, a leitura em si, seja ela dentro da escola ou fora, carrega muito conhecimento. O ambiente escolar não pode ser único como sendo a colher bons frutos,

porque esse próprio ambiente prepara o aluno para o mundo fora dele.

Nessa questão, podemos falar sobre a contribuição do professor para essa preparação. É ele que orienta para a formação de um leitor crítico.

Sobre isso, Gasparin (2007, p. 113-114), afirma que:

Ao assumir o papel de mediador pedagógico, o professor torna-se provocador, contraditor, facilitador, orientador. (...) Primeiro o professor faz a leitura do conteúdo, apropriando-se dele. Em seguida, coloca-o à disposição dos alunos que, por sua vez, o refazem, o reconstroem para si, tornando-o seu, dando-lhe um novo sentido.

É interessante enfatizar essa colaboração positiva que o professor tem na vida do aluno. É ele que tem participação direta na aprendizagem dentro do ambiente escolar, tendo o ofício de transmitir o conhecimento, levar o conteúdo de forma que instigue aquele aluno e provoque o *feedback*.

Quando a questão é trazer o aluno para dentro o mundo da leitura dentro do âmbito escolar e esse lugar torne-se agradável para ele, é necessário um trabalho minucioso e árduo do educador, pois muitas vezes, o aluno é resistente. E é aí, que o professor tem que ter jogo de cintura, porque diante de algumas situações, muitas vezes no convívio familiar mesmo, a criança não tem um incentivo em casa para ler. Então a escola é vista como a única oportunidade de aprendizagem daquela criança.

Afirma Brasil (1997, p. 47) nos PCN:

A vivência da leitura em sala de aula

A leitura em voz alta feita pelo professor não é uma prática muito comum na escola. E, quanto mais avançam as séries, mais incomum se torna, o que não deveria acontecer, pois, muitas vezes, são os alunos maiores que mais precisam de bons modelos de leitores.

Essa prática de leitura como bem cita os PCN, não é muito comum nas escolas, mas a questão é, se a leitura deve ser instigada pelo professor, precisando de leitores bons como exemplo, então por que não o educador fazer leitura em voz alta? Muitas vezes, essa prática pode despertar no aluno a curiosidade de ler aquele texto do qual o professor está lendo.

A maneira como a leitura é transmitida também conta muito, ou seja, a forma como o professor se expressa ajuda na contribuição pelo gosto da leitura, a vontade de querer conhecer do que se trata aquela história.

Para a escola, a leitura possibilita novos conhecimentos, troca de vivências, uma visão mais ampla sobre o mundo e o que acontece ao seu redor. A leitura ainda dispõe novos horizontes, como por exemplo, o desejo de fazer novas leituras, permitindo ao aluno cada vez mais oportunidades de aprender com aquilo que se lê.

Complementando esse pensamento, Silva (2006, p. 76) afirma que:

Mediar a leitura na escola é estar alerta para que não reproduzamos as frases feitas, os preconceitos e ações que coíbam o fluir da leitura na escola, de modo que a

criança seja respeitada nesse processo e tenha liberdade em seus primeiros passos rumo à leitura e que o professor seja o promotor desse encontro. No entanto, cabe ao professor ter subjacente a intencionalidade de levá-la a experimentar de pouco em pouco os diversos sabores da leitura.

No âmbito escolar é imprescindível estar atento a esses detalhes para que não perca o foco no que realmente está se direcionando. A leitura deve fluir livremente, sem pressão e de livre e espontânea vontade, para que a criança caminhe com ânimo até o que se pretende ler.

No entanto, é preciso que o professor dê suporte nesse sentido e crie condições para esse momento de leitura. Algo interessante a se fazer é, deixar o aluno a vontade, oferecer um lugar tranquilo, calmo e arejado dentro da escola para que a criança sinta que está sendo incentivado.

Quando o professor proporciona o momento para ler, sem impor o que a criança tem que ler, se a história do texto está pequena ou grande, legal ou ruim, o aluno se vê mais na condição de desempenhar uma leitura melhor. Porque a partir do momento que o aluno é pressionado ao que ele tem que ler, pode até de certa forma causar um desconforto nele.

Portanto, é primordial que a leitura levada ao estudante dentro da escola, seja oferecida de forma que ele sinta prazer naquilo que está lendo, e com isso, possa transformar seu ponto de vista em relação ao mundo que nos cerca.

A leitura na sala de aula

A leitura é um dos principais fundamentos instituídos desde cedo pela educação para dar oportunidade ao cidadão de formar-se e orientar-se. A escola, bem como o educador, tem o direito de levar ao aluno na sala de aula meios para esse processo, que por intermédio de métodos, leve a leitura de forma que aquela criança sinta contentamento naquilo que está lendo.

Nesse sentido, ressalta Silva (2003, p. 43) que:

Nunca é demais lembrar que a prática da leitura é um princípio de cidadania, ou seja, leitor cidadão, pelas diferentes práticas de leitura, pode ficar sabendo quais são as suas obrigações e também pode defender os seus direitos, além de ficar aberto às conquistas de outros direitos necessários para uma sociedade justa, democrática e feliz.

Observa-se nitidamente o papel da leitura na vida do estudante, quando o autor relata que é através do ato de ler, por distintas práticas de leitura, que o cidadão pode entender melhor o seu papel perante a sociedade, quais são os seus direitos e deveres a serem cumpridos.

Ler não é um simples ato de decodificar símbolos, mas uma visão mais ampla do que se pode encontrar pela frente e tornar aquilo uma leitura. Ler é interpretar e

compreender o que está diante dos olhos, como por exemplo um poema em um livro didático, uma reportagem no jornal sobre um acidente de trânsito, uma matéria sobre a vida das celebridades numa revista ou até mesmo, uma placa em uma rua indicando que é proibido virar à esquerda. Se tem assim, diversas opções para ler, porém, todas com o mesmo objetivo, que é de que se aprenda através da leitura.

Abordando a importância da leitura, Lajolo (1993, p. 7) ressalta que:

Lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais itens a mente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela.

A leitura é muito mais relevante do que se possa imaginar, porque além de nos dar prazer e conhecimento quando se lê, ela favorece mundos novos fora do eixo escolar, ao qual muitas vezes, nos limitamos nele.

Como declara Martins (1994, p. 34), “aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados.” Isso quer dizer que, quando se lê, se está nos encontrando ao mundo em que se vive, a decifrar não tudo aquilo que está ao redor.

O professor é crucial na aprendizagem do aluno dentro da sala de aula através da leitura, ele mostra e orienta o caminho a ser percorrido, bem como, é visto pela sociedade (além de professor, educador) formador de cidadão críticos,

A vivência da leitura em sala de aula

capazes de construir e elaborar seus ideias a partir de suas próprias ideias.

Na sala de aula é apresentado ao aluno, desde seus primeiros anos de vida, materiais que lhe chamem à atenção para que ele próprio busque entendimento, seja de um livro didático da escola a um poema de Cecília Meireles numa folha de papel A4.

Em algumas ocasiões, a criança pode não estar habituado a pequenos momentos para ler, e isso requer bastante prudência, para que o ato de ler não se torne algo chato, entediante e sem sentido.

E então, o professor entra em cena e recebe uma grande responsabilidade em suas mãos, que chega até ser desafiadora, pois o aluno, muitas vezes, comparece à escola sem ao menos se quer ter pegado em algum livro em casa, nem mesmo um gibi.

Ao dissertar sobre o significado do termo 'ler', Demo (2007, p. 23) esclarece que:

O desafio social da leitura detém, como módulo central, a habilidade da contraleitura, porque é com ela que podemos, com base na habilidade de brandir a autoridade do argumento, mas cultivar o saber pensar para melhor intervir. Ler significa tanto compreender o significado quanto atribuir significados alternativos ao mundo, emergindo o leitor/autor.

Constata-se que a leitura é um desafio social, que mediante dela, pode-se construir pontes alfabetizadoras que

transforme uma sociedade, ou até mesmo um mundo, sendo nós como principais autores.

Na sala de aula, o professor é como uma ponte de apoio. Ele tem como compromisso estimular o aluno para que ele busque discernimento para o novo. E o educador, sendo essa ponte, passa a interagir com o aluno.

Freire (2008, p. 59) fala que “um texto para ser lido é um texto para ser estudado. Um texto para ser estudado é um texto para ser interpretado. Não podemos interpretar um texto se o lemos sem atenção, sem curiosidade”.

A partir dessa colocação de Freire, podemos perceber o quanto é importante que o aluno, principalmente na sala de aula, leia os textos com atenção, independentemente dos gêneros textuais. Como o autor mesmo coloca, não se poder ler um texto sem ter tido atenção. Não tem como.

É notável que se tenha a necessidade de ler e reler determinados textos na sala. Até mesmo quando o próprio professor faz leitura em voz alta, a princípio, nos dando incentivo e mostrando que aquele texto vale a pena ler, porque tem um começo, meio e fim, tem uma história marcante envolvida.

Contudo, isso poderá acontecer em diversos gêneros. Até porque, não vamos ter o olhar apenas voltado para aquilo que acreditamos, ou melhor, aprendemos com a nossa cultura, de que história para marcar e nos envolver emocionalmente tem que ser apenas conto de fadas. Não. Um reportagem pode nos emocionar, uma historinha de gibi e diversos outros tipos de textos.

A vivência da leitura em sala de aula

Para o próprio Ministério da Educação (BRASIL, 1997, p. 41) nos PCN:

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos.

Com isso, entende-se que formar leitores não é tão fácil, mas o aluno precisa saber que qualquer texto, seja ele qual for, necessita ser lido com muita atenção, para que assim, possa detalhar e compreender o que está escrito, nos mínimos detalhes.

É preciso que os textos não fiquem naquela de que tenha que decodifica-lo, isso já é ultrapassado, e assim não há um rendimento para aprendizagem. Para que o aluno consiga identificar qualquer informação dentro de um texto, é importante antes de tudo, que o professor ofereça diversas oportunidades de conhecer o mundo da leitura, proporcionando assim, leituras distintas.

De acordo com Brasil (1997, p. 42) nos PCN:

O conhecimento atualmente disponível a respeito do processo de leitura indica que não se deve ensinar a ler por meio de práticas centradas na decodificação. Ao contrário, é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a ler usando os

procedimentos que os bons leitores utilizam. É preciso que antecipem, que façam inferências a partir do contexto ou do conhecimento prévio que possuem, que verifiquem suas suposições - tanto em relação à escrita, propriamente, quanto ao significado [...] (PCNS 1997, p. 42).

Observa-se então, que o aluno precisa de referências como as dos bons leitores, para que eles possam espelhar-se neles, para que assim, ampliem seu entendimento ao que diz respeito. E que, façam bom uso do seus conhecimentos relacionados as boas leituras.

A leitura influenciando na aprendizagem

Pode-se dizer que as nossas principais influências partem dos nossos próprios professores, isso porque, não há uma neutralidade na educação, pois a partir do momento em que o próprio educador nos indica ou mostra algo para a gente ler, ele deixa de ser neutro, e assim, estará nos guiando para algo que ele gosta. De certa forma, nos influenciando com aquilo que ele acredita que é bom ou certo.

Interessante quando há essa influência na vida do aluno durante os seus anos iniciais do fundamental, uma vez que, aquilo que se aprende na sala de aula lá na base, que é o início de tudo, pode-se construir um cidadão que goste de ler e traga benefícios para sua vida toda. É na sala de aula, onde muitas vezes, começa a fascinação pela leitura, através das historinhas contadas pelo professor e, quando ele nos coloca em momentos leituras silenciosas e compartilhadas.

Segundo o Ministério da Educação (BRASIL, 1997, p. 42-43):

Para aprender a ler, portanto, é preciso interagir com a diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que os já leitores fazem deles e participar de atos de leitura de fato; é preciso negociar o

conhecimento que já se tem e o que é apresentado pelo texto, o que está atrás e diante dos olhos, recebendo incentivo e ajuda de leitores experientes.

Essa interação entre leitor e o texto escrito, traz uma grande aprendizagem e conhecimento para a vida do aluno, principalmente dentro da classe. Uma vez que, a sala de aula é um dos principais ambientes para obter essas aquisições, onde o aluno se dedica em torno de cinco horas por dia, de segunda a sexta-feira para um bom aprendizado.

O texto agrega diversos significados permitindo ao aluno um leque de conhecimentos, diante de diferentes questões abordadas no texto, que muitas vezes, faz parte do dia a dia. Por isso, a leitura é tão significativa no decorrer das aulas, pois, sem leitura não se pode compreender as outras disciplinas. É preciso que se leia os assuntos propostos pelas matérias.

A escola de comum acordo com coordenação e professores, têm esse papel importantíssimo, que é o de dar o suporte necessário a esse aluno. Pois além de ter que disponibilizar ambientes favoráveis para os estudos, têm-se como um dos principais objetivos, transformar as aulas de leituras, em aulas atrativas e fascinantes.

A atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura. É muito mais importante saber ler do que saber escrever. O melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura. Se um aluno não se sair muito bem nas outras atividades, mas for um bom leitor,

A vivência da leitura em sala de aula

penso que a escola cumpriu em grande parte sua tarefa. Se, porém, outro aluno tiver notas excelentes em tudo, mas não se tornar um bom leitor, sua formação será profundamente defeituosa e ele terá menos chances no futuro do que aquele que, apesar das reprovações, se tornou um bom leitor [...] (CAGLIARI, 2008, p.148)

Através desse pensamento de Cagliari, percebe-se então o quão é vantajoso ler. Tornar-se um bom leitor, diante das circunstâncias que a escola nos oferece, sendo elas boas, é valioso, pois sua principal atividade é sem dúvida a leitura.

A leitura é indispensável na vida de qualquer pessoa, seja nos seus primeiros anos de vida ou no decorrer dela. Quando adquirimos, principalmente, o hábito de ler, percebe-se que pode levar essa aquisição para qualquer lugar, em variadas circunstâncias.

Ter o costume de ler torna-se um aprendizado que se leva para uma vida toda. Como Cagliari (2008, p. 148) confirma que, “a leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser seguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma”.

Isto é, a leitura ultrapassa o ensino básico, até mesmo o ensino superior. A aprendizagem é uma aquisição que ninguém consegue tirar da vida de ninguém.

É interessante trabalhar em sala de aula com poemas. Eles trazem um toque diferente para as aulas, tornando-as atrativas em qualquer momento. A poesia nos revela

sentimentos e emoções, onde elas são capazes de despertar esses momentos comoventes.

Para nós que trabalhamos com o poema em sala de aula, a consciência de que a poesia é sempre “comunicação de alguma nova experiência” tem sabor especial. A experiência que o poeta nos comunica, dependendo do modo como é transmitida ou estudada, pode possibilitar (ou não) uma assimilação significativa pelo leitor. O modo como o poeta diz – e o que diz ou comunica – sua experiência, permite um encontro íntimo entre leitor-obra que aguçar as emoções e a sensibilidade do leitor (PINHEIRO 2007, p. 23).

Pode-se constatar a importância da leitura de poemas na sala de aula através da fala de Pinheiro, quando nos coloca a poesia como algo novo para o âmbito escolar, que desperta emoções e como pode se tornar objeto de estudo.

Dessa forma, é importante que as escolas percebam a necessidade da prática de leitura na sala de aula, trabalhando diversos gêneros textuais de maneira que instigue o aluno a ler e que ele veja que aquilo tem um significado positivo para sua vida, utilizando-se da leitura com vista a outros fins.

Considerações Finais

Mediante o estudo realizado sobre a vivência da leitura em sala de aula: sob a visão de alguns autores, entende-se a importância do ato de ler para a formação do estudante, transformando-o em um cidadão crítico, tendo a capacidade de compreender, interpretar e posicionar-se à frente de qualquer texto e de tudo que está a sua volta.

Nessa percepção, este estudo buscou debater alguns aspectos relacionados ao ensino-aprendizagem da leitura e suas vivências no âmbito escolar, bem como despertar o gosto de ler em sala de aula, de maneira que o estudante leitor possa entender o real significado e a necessidade de ler na sociedade em que vive.

Nesse aspecto, percebe-se que é indispensável o trabalho com a leitura em sala de aula, uma vez que, o professor tem a oportunidade de oferecer diversos textos ao aluno, trabalhando vários gêneros textuais e transformando-o em leitor, a fim de que, saiba comunicar-se bem perante a sociedade.

A proposta desse trabalho é debater a leitura vivenciada no cotidiano da sala de aula sob o olhar de alguns autores, observando a necessidade de cada aluno, bem como fazer com que eles despertem o gosto pela leitura, onde muitas

vezes em casa com a família, não tenha tanto incentivo nessa questão.

Portanto, presume-se que o professor, enquanto educador e mediador, colabore com a aprendizagem dos estudante, transpassando conhecimento e diferentes leituras nas aulas, com o intuito de despertar o gosto pela leitura, fazendo com que eles percebam a relevância de compreender e interpretar textos distintos.

Espera-se que este trabalho contribua para os professores e estudantes no tocante a utilizar mecanismos de interesse pela leitura, visando um aperfeiçoamento incialmente na sala de aula, e levando para o mundo a sua volta, objetivando formar leitores que possam entender diversos gêneros textuais, tornando-se um cidadão crítico.

Referências

ALVES, RUBEM. **Entre a ciência e a sapiência**: o dilema da educação. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2000.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: 1ª a 4ª série (Língua Portuguesa). V.1. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 10ª ed. São Paulo: Spicione, 2008.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

DEMO, Pedro. **O porvir**: desafios da linguagem do século XXI. Curitiba, PR: Ibpx, 2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 26ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 4ª ed. Campinas, SP: Autores associados, 2007.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a literatura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MARCUSCHI, Luis Antônio (2005). **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.) **Gêneros textuais e Ensino**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna. P.19-36

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo (2009). Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZIBERMAN, Regina; ROSING, Tânia M.K (Org.) **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, p.61-79.

PINHEIRO, Helder. **Poesia na sala de aula**. 3ª ed. Campina Grande, PB: Bagagem, 2007.

RANGEL, Egon O. **Letramento literário e livro didático da língua portuguesa**: “os amores difíceis”. In: PAIVA, A.; MARTINS, A.; PAULINO, Z. V. (Orgs.). **Literatura e letramento**: espaços, suportes e interfaces – o jogo do livro. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SILVA, Rovilson José da. **Formar leitores na escola**. In: SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli. **Fazer cotidiano na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006.

